

**A SUBVERSÃO FEMININA EM HIBISCO ROXO, DE CHIMAMANDA  
ADICHIE**

**FEMALE SUBVERSION IN PURPLE HIBISCUS, BY CHIMAMANDA  
ADICHIE**

Amanda Gabriela Resque<sup>1</sup>

Jeniffer Yara da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará

**Resumo:** Nosso trabalho tem como objetivo principal apresentar e analisar as personagens Kambili, Mama Beatrice, Tia Ifeoma e Amaka, do romance **Hibisco Roxo** (2003), de autoria da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, bem como a forma como cada uma das personagens subverteu o imposto culturalmente em sua sociedade, além de verificarmos brevemente as relações entre si, de maneira a estabelecer mudanças por meio desse contato e em como as estruturas familiares das personagens foram afetadas pela quebra do que fora imposto socialmente. Dessa forma, buscamos responder questões relacionadas a subversão feminina, silenciamento da mulher negra e transgressão na sociedade patriarcal. Utilizamos como base para o desenvolvimento de nossa pesquisa os estudos de Luciana Paula da Silva de Oliveira (2018) e Rafaella Cristina Laves Teotônio (2012) para analisarmos a trama de **Hibisco Roxo** (2003), e os textos de Alyxandra Gomes Nunes (2016) para tratarmos da autora Chimamanda Adichie, além de Zuleide Duarte (2012), para refletirmos sobre a escrita feminina africana.

**Palavras-chave:** Subversão; Personagens femininas; Literatura Nigeriana.

**Abstract:** Our work has main objective to present and analyze the characters Kambili, Mama Beatrice, Tia Ifeoma and Amaka, in **Purple Hibiscus** (2003), by Chimamanda Ngozi Adichie, beyond the form that each subverted to culturally imposed in your society, we also check briefly the relationship between them in a way to establish changes through this contact and how the family structures of the characters were affected for the breach of the duty socially. We search answers for the matters related to the female subversion, silencing black woman and transgression of patriarchal society. We use as a foundation of this research the studies of Luciana Paula da Silva de Oliveira (2018) e Rafaella Cristina Laves Teotônio (2012) to analyze the plot, the texts of Alyxandra Gomes Nunes (2016) to treat the author and Zuleide Duarte (2012) to check African female writing.

**Keywords:** Subversion; Female characters; Literature.

**Submetido em 21 de janeiro de 2021.**

**Aprovado em 25 de maio de 2021.**

---

<sup>1</sup> Pesquisadora da Universidade Federal do Pará. Email: [gabi.resque@gmail.com](mailto:gabi.resque@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pelo PPGL - Universidade Federal do Pará. Email: [jeniffer.yara@gmail.com](mailto:jeniffer.yara@gmail.com)

## Introdução

Considerada como uma das representantes da nova geração de autores nigerianos, Chimamanda Ngozi Adichie (1977 – Atual) dialogou em sua obra com escritores considerados seus predecessores, como Chinua Achede (1930 – 2013) e Christopher Okigbo (1932 – 1967), e seguiu o que Bernth Lindfors chamou de escola achebiana de Literatura (NUNES, 2016, p. 130). Adichie concebeu perspectivas de uma África diferente do que foi exposto pelo Ocidente, apontando em suas narrativas diferenças que perpassam as relações de conflitos étnicos e concepções de um povo marcado pelas guerras, retratos de uma nação Pós-Colonial.

Em **Hibisco Roxo** (2003) conhecemos a história de Kambili, uma adolescente que cresceu entre os dogmas católicos e as crenças nativas, após mudar suas perspectivas ao se deparar com visões diferentes das quais era habituada, por meio do convívio com sua tia Ifeoma e sua prima, Amaka. A jovem desabrochou em novas concepções relacionadas ao certo e errado, fato que também influenciou na relação com sua mãe, Beatrice, a qual vivia sob medo, ameaças e influências de seu marido, Eugene.

Dessa forma, neste trabalho analisamos o processo de subversão das personagens Kambili, Beatrice, Amaka e Ifeoma, por meio das transformações ocorridas durante a trajetória narrativa, por meio do convívio entre elas, o qual influenciou em suas personalidades, modificando suas concepções de vida. Nossa hipótese é que as relações vividas entre as personagens mulheres da trama resultaram em diferentes desfechos para cada uma, principalmente no que se refere à protagonista, Kambili.

### 1. Chimamanda quebrando nossos deuses

Nascida em 15 de setembro de 1977, após o fim oficial da Guerra de Secessão de Biafra, na cidade de Abba, estado de Amambra - Nigéria, Chimamanda foi uma jovem *ibo* criada no campus da Universidade de Nsukka por seu pai, James Adichie – primeiro professor de Estatística da Nigéria – e por sua mãe, Grace Ifeoma – secretária da Universidade de Nsukka e, mais tarde, professora universitária. Quando jovem, largou os cursos de Medicina e Farmácia ao se mudar para os Estados Unidos com o intuito de cursar Comunicação e Ciência Política, estudando, a priori, na Universidade de Drexel, na Filadélfia, concluindo o curso na Universidade Estadual de Connecticut, em 2001. Chimamanda também possui mestrado em Escrita Criativa, pela Universidade John Hopkins, em Baltimore, e em Estudos Africanos, em Yale, 2008 (NUNES, p. 131, 2016).

Considerada a representante da nova geração de autores nigerianos, Adichie compôs suas narrativas a partir da chamada diáspora nigeriana. São considerados dessa geração os autores nascidos entre os anos 60/70 que estudaram nos E.U.A. ou na Inglaterra e “que estão voltando o olhar à terra natal para contar ao mundo uma outra visão da história, que vai em contraposição tanto ao discurso nacional nigeriano quanto às expectativas do que o Ocidente espera ouvir de um escritor(a) nigeriano(a)” (NUNES, 2016, p. 130).

Chimamanda possuiu como objetivo reescrever a história de sua nação a partir da investigação de fatos recentes de seu país, em que destacou a Guerra de Secessão de Biafra (1967-1970). Seu projeto literário foi inserido na concepção da produção do cenário nigeriano contemporâneo produzido em língua inglesa, sendo comum nos depararmos com termos como africanidades, feminismo e religião. Fato que ganhou grande destaque no aporte crítico em relação a sua obra é a perspectiva, relacionada a sua escrita, em ter enorme lucidez sobre eventos ao qual a autora não vivenciou diretamente (NUNES, 2016, p. 132).

Sobre a escrita da autora e os fatos biográficos acima expostos, Zuleide Duarte em **Outras Áfricas** (2012), assinalou que a escrita de Adichie foi

[...] orientada pela necessidade de dizer, é pela paixão que revela o compromisso com a história dos países onde nasceram. A urgência de dar voz e vez à literatura africana, de presentear o leitor e com a elucidação das questões cruciais que permeiam o mundo africano, ao tempo em que apresenta o espetáculo artístico e humano dessas dicções, diz da situação da mulher africana historicamente ligada à transmissão de valores culturais como hospitalidade, respeito aos mais velhos, rituais, usos e costumes [...].” (DUARTE, 2012, p. 79).

Em relação a composição de seus romances, Chimamanda revelou que para obter maior similaridade com o que a guerra ocasionou, recorreu a pesquisas em artigos, romances e arquivos, com o intuito de averiguar testemunhos relacionados ao conflito, e só então compor suas personagens e as diferentes perspectivas dentro de uma mesma narrativa.

É frisável acrescentarmos que a supracitada autora parte das suas experiências enquanto mulher, negra e nigeriana para compor seus romances, em relação a isso, é importante ressaltarmos que Adichie

[...] demonstra clara preocupação em refutar a visão distante e estereotipada que se construiu sobre a África pós-colonial, principalmente de seu país de origem. Ela escolheu a figura de uma jovem de temperamento introspectivo - mas bastante observadora - para narrar o seu primeiro romance: *Kambili*, (OLIVEIRA, PINHO, 2019, p. 227)

Tendo em vista tais postulados, não é possível descartar a verossimilhança entre autora e narrativa, em que Adichie empresta sua vivência às suas personagens.

## 2. Quando ela fala com nossos espíritos

Em **Hibisco Roxo** (2003), Adichie retratou a história de uma família nigeriana de classe média que aderiu as concepções europeias de religião criminalizando quem ainda praticava os rituais nativos africanos, todavia, o enredo foi além da temática religiosa, pois se debruçou sobre temas como machismo, feminismo, europeização, preconceitos, africanidades e guerra civil.

Dividida em um tempo não-cronológico, a narrativa abordou a vida da estudante nigeriana rica Kambili, também narradora da história, que sofria por conta da pressão de sua família, principalmente por seu pai Eugene, dono do jornal revolucionário *Standart*. Eugene era um homem religioso, porém rigoroso e violento com sua família, ao mesmo tempo bem quisto pela sociedade por ser um cristão fervoroso e um grande doador às causas nobres, vivia em uma ansiedade para agradar “principalmente religiosos brancos” (ADICHIE, 2011, p. 52). Retrato da colonização europeia, Eugene rechaçava os praticantes das religiões de seu próprio país, incluindo seu pai, contador de histórias.

Beatrice, mãe da protagonista e esposa de Eugene, era uma mulher submissa que procurava incansavelmente ser perfeita para seu marido e igreja, pois cada deslize significava sofrer pela violência de seu esposo. Kambili e Mama Beatrice obedeciam a Eugene pois

Os filhos são criados numa rigidez absurda, a filha obedece não só pelo medo da violência física, mas pela necessidade em ser amada por esse pai. A vítima que se sente culpada por seus esforços não serem suficientes para garantir o amor paterno, será aquela, certamente, que como esposa reproduzirá o que viu a mãe fazer por uma vida inteira (OLIVEIRA, 2018 p. 03).

Kambili via em sua mãe talvez o reflexo do seu futuro e procurava obedecer fielmente a seu pai para não sofrer as mesmas consequências, mas há também admiração e respeito para com aquele que também se demonstrava apoiador dos mais pobres e defensor das boas causas. Logo, moldava-se pelo que entendia ser o melhor a ser feito ou pensado, de acordo com a figura de poder que havia dentro de casa, seu pai, ao mesmo tempo vivendo o incômodo da severidade e violência praticada pelo patriarca da família.

Segundo Oliveira e Pinho (2019), a motivação do início da jornada de Kambili é pautada na busca pelo autoconhecimento, em que mostrou-se afligida pelo conflito

relacionado ao seu pai, pois ele “encarnou a cultura eurocêntrica com a educação que recebeu das missões católicas inglesas, passando a negar e combater suas raízes, chegando a desprezar a relação com o próprio pai, Papa-Nnukwu, por considerá-lo ‘pagão’” (OLIVEIRA, PINHO, 2019, p. 228)

Jaja, o filho mais velho do casal, era um jovem dedicado, estudioso e leal a sua mãe, possuía uma forte ligação com sua irmã ao ponto de conversarem através de olhares: “Os olhos de Jaja disseram que ele sabia que eu também queria ir. Não consegui encontrar as palavras em nossa língua dos olhos para explicar que sentia um nó na garganta só de pensar em ficar cinco dias sem ouvir a voz de Papa ou seus passos na escada” (ADICHIE, 2011, p. 118).

Há aqui a evidência de admiração e apego pela figura de Papa, por Kambili. Jaja, ao contrário, embora obediente ao pai, demonstrava-se mais próximo de sua mãe e com um olhar mais crítico ao pai, antes mesmo de sua estadia na casa da tia.

Também reprimido, Jaja mudou de concepções e posturas após o contato com a família de Tia Ifeoma, uma professora universitária viúva de muita força e personalidade, considerada subversiva por seu irmão, Eugene. Ifeoma criou seus três filhos sozinha, os meninos Chima e Obiora, e a adolescente Amaka, moça também de personalidade forte, inteligente, decidida, com visão política crítica e esclarecida e de bons argumentos nas discussões dispostas às vezes na hora do jantar.

Dividido em quatro partes, o livro iniciou em “Quebrando Deuses: Domingo de Ramos”, em que se narra o domingo de ramos da família de Kambili, momento em que somos apresentados ao modo de vida das personagens estavam afetadas após a vivência dos jovens em Nasukka. A segunda parte, “Falando com Nossos Espíritos: antes do Domingo de Ramos”, abordou o que ocorreu para Kambili e Jaja, ao irem passar suas férias em Nasukka, junto a família de Ifeoma, bem como o que se sucedeu durante essa estadia na cidade universitária. O terceiro momento, “Os pedaços de Deuses: após o Domingo de Ramos”, tratou das consequências do período em que os irmãos passaram junto de seus primos e de como isso repercutiu em suas vidas. A última parte, “Um silêncio diferente: O presente”, mostrou o último quadro da família de Kambili e de Ifeoma.

É de suma importância abordarmos o contexto histórico da narrativa: A Guerra de Biafra. Conflito ocorrido no Sudoeste do atual território da Nigéria, entre 1967 e 1970, envolvendo a Nigéria e a república separatista de Biafra. Naquele momento, a Nigéria, país recentemente emancipado, lidava com dificuldades com sua herança colonial por

consistir em um território de extrema diversidade étnica. Aliado a isso, a Nigéria começava a demonstrar instabilidade política e econômica, além de uma grande corrupção estatal. Em janeiro de 1966, um grupo de oficiais, em sua maioria da etnia *Ibo* (povo típico do sudoeste da Nigéria), executaram um violento golpe de estado, seis meses depois ocorreu o contra golpe estimulado por militares da Região Norte, acompanhado de manifestações populares e de perseguições contra os *ibos*. Os líderes políticos *ibo* decidiram, em maio de 1967, separar o Sudoeste da Nigéria transformando-o na República de Biafra, em contra partida ao movimento de emancipação, o governo nigeriano lançou uma política de contenção dos separatistas, essa política envolvia a utilização das forças armadas para bombardear as cidades localizadas ao Sudoeste da Nigéria, que na época era Biafra.

O desfecho da guerra ocorreu em 1970, quando a República Separatista foi reincorporada à Nigéria e os principais líderes da aventura acabaram perdoados, regressando aos meios militares e políticos do país. O povo, em compensação, vive até nossa contemporaneidade em constantes conflitos e em um caos ocasionado pelas diferenças étnicas, além de viverem em uma forte tensão, tanto política quanto social.

### 3. Os pedaços que sobraram das deusas

A protagonista da narrativa é Kambili, uma adolescente tímida de 15 anos, criada pelos pais, Beatrice e Eugene, junto de seu irmão mais velho, Jaja. Educada em uma escola particular católica, a adolescente era bastante reservada e quieta, fato que lhe rendia elogios ao ser considerada “uma aluna brilhante e obediente e uma filha que merece o orgulho dos pais” (ADICHIE, 2011, p. 44). Entre as jovens, seu comportamento não é bem visto, inúmeras vezes a jovem foi ofendida pelas outras estudantes por se manter afastada, no entanto, ao decorrer da narrativa percebemos que a distância emocional da personagem era ocasionada pelas circunstâncias opressivas que vivia em sua casa, provocadores de insegurança emocional e extrema timidez para novas amizades.

Apesar do medo nutrido dia após dia pela relação com seu pai, Kambili também sentia necessidade de ser amada por ele. Notamos tal fato na passagem em que a estudante refletia por ter sido premiada como a segunda da classe, percebendo que isso não despertaria o afeto em Papa

[...] mas eu sabia que Papa não ia ficar orgulhoso. Ele cansa de dizer para mim e Jaja que, já que ele gastava tanto dinheiro no Daughters of the Immaculate Heart e no St. Nicholas, nós não devíamos deixar as outras crianças ficarem em primeiro na turma [...] Eu queria deixar o Papa orgulhoso e tirar notas tão boas [...] Precisava que ele

tocasse minha nuca e afirmasse que eu estava realizando o propósito de Deus. Precisava que ele me abraçasse com força e dissesse que muito é esperado daqueles que muito recebem. Precisava que ele sorrisse, daquele jeito que iluminava seu rosto e aquecia algo dentro de mim. Mas eu ficara em segundo lugar. Estava maculada ao fracasso. (ADICHIE, 2011, p. 44-45).

O propósito dos esforços de Kambili sempre eram voltados para a atenção de Papa, para sua benção e sua aprovação. A figura de poder ali presente não era somente temida, mas também admirada, em busca de uma completude que a jovem filha parecia desejar vivenciar e que, para ela, só vivenciaria por meio do afeto e admiração de seu pai.

Kambili demonstrou ser muito compassiva, sempre entendendo os motivos das agressões que sofria, sua submissão, bem como a normalização da violência, é demonstrada pelo fato de como a personagem foi criada, pois ao crescer convivendo com os abusos familiares que sua mãe sofria a jovem normalizava tal situação. Em “Um passeio sobre a obra de Chimamanda Adichie”, de Luciana Paula da Silva de Oliveira, percebemos a seguinte afirmação:

Afinal, as meninas crescem vendo suas mães na função de apaziguadoras, aquela que ensina que com marido não vale a pena ganhar a discussão, mesmo com razão, baixa-se a cabeça e permite que o homem ache que está correto. Parece uma certa sabedoria compartilhada entre as mulheres, uma troca de olhar com a filha que percebe que a mãe tem razão, mas que por serem de certa forma dotadas de uma humildade celestial, protegem o frágil ego masculino (OLIVEIRA, 2018, p. 03).

Como dito anteriormente, sua mãe era seu reflexo, um exemplo de comportamento e personalidade, mas, neste caso, Kambili buscava em Beatrice o modelo a seguir não exatamente por admirar a conduta, mas por verificar que, em tal situação, teria a recompensa deseja, o respeito e carinho de Eugene, e da afeição divina, transplantada por ele, na figura de um ser redentor e que é ao mesmo tempo impiedoso e justo para com os erros cometidos por seus filhos.

Beatrice foi uma mulher que baseou sua vida em cuidar da casa e de sua família, gastava seus dias entre fazer comidas e lustrar suas prateleiras, foi boa esposa e mãe, mas não escapou das agressões psicológicas e físicas feitas por Eugene, sofreu em silêncio e sem revidar. Apesar de também ter visto seus filhos sofrerem torturas, a personagem seguiu com a postura silenciosa durante grande parte da história por medo de ser trocada por uma mulher mais jovem e melhor de saúde.

[...] Deus é fiel. Depois que você nasceu e eu sofri aqueles abortos, o povo da vila começou a falar. Os membros da nossa *umunna* até mandaram pessoas para falar com seu pai e insistir que ele tivesse filhos com outra mulher. Tantos tinham filhas disponíveis, muitas das quais formadas em universidades e tudo. Elas poderiam ter parido muitos filhos, tomado conta da nossa casa e nos expulsado, como a segunda

esposa do senhor Ezendu fez. Mas seu pai ficou comigo, ficou conosco (ADICHIE, 2011, p. 26).

Relembremos que as famílias nigerianas podem ser compostas por mais de uma esposa, com o objetivo de gerar filhos e, principalmente, filhos homens. A preocupação de Beatrice é fundada no receio de um favoritismo de seu marido por outra mulher, portanto, comporta-se da melhor maneira possível a fim de agradar seu esposo. Além dos abusos sofridos em casa, Beatrice também se preocupava com o que a *umunna* explanava em relação a sua família, tal preocupação esbarrou nas concepções machistas de uma sociedade patriarcal, pois quando uma mulher não é capaz de dar filhos suficientes ao seu esposo, é vista como um fracasso.

Sobre as perspectivas anteriores, frisamos as ideias de Rafaella Cristina Alves Teotônio em “Sobre identidades e diferenças: as relações de alteridade m Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie”

Beatrice, esposa de Eugene é uma personagem silenciosa na trama, sofre constantes ataques violentos do marido, mas continua a se submeter a este, que assim como Kambili também admira. Na narrativa de **Hibisco Roxo**, a alteridade exercida entre Beatrice e tia Ifeoma demonstra a visão plural de Adichie ao construir seus personagens; mesmo as mulheres, tipicamente marginalizadas, se encontram em suas obras em tons diversos, umas submissas ao machismo e ao patriarcalismo da sociedade, outras, em vias de libertação ou desafiadoras do sistema que os oprime[...] (TEOTÔNIO, 2011 p.8-9).

Enquanto Beatrice é silenciosa e temerosa, Ifeoma tem a personalidade forte e não abre mão de sua voz. Viúva, mãe de três filhos e professora universitária, Ifeoma foi a personagem mais subversiva da narrativa por questões como escolher não casar novamente, educar seus filhos sozinha e ter concepções abertas ao mundo não se deixando levar pelo que estava sendo imposto, tanto em sua vida pessoal quando em sua vida profissional. Apesar de Ifeoma ser irmã de Eugene, ela demonstrou completa sororidade ao relacionamento de seu irmão com Beatrice, ao ponto de aconselhar Mama a ficar um período afastada do marido. Mesmo de mãos atadas, sempre incentivando Beatrice a enxergar que as atitudes de seu próprio irmão não eram corretas, Ifeoma respeitava, ao mesmo tempo, as escolhas da cunhada.

A relação de Beatrice e Ifeoma foi baseada em companheirismo e apoio, tendo em vista que Ifeoma sempre percebeu e teve lucidez do caráter abusivo de Eugene. A professora tentou afastar não apenas seus sobrinhos de perto do seu irmão, como também sua cunhada, apesar de Beatrice demonstrar vontades em passar um tempo na cidade de

Nsukka, e se libertar do ciclo abusivo, acabava por desistir da ideia por medo das represálias que sofreria ao regressar para casa.

Após mais uma seção de agressões ocasionada por seu marido, Mama Beatrice decide partir para a casa de sua cunhada em busca de abrigo e consolo, ao chegar na cidade universitária onde Ifeoma residia, conta abertamente o que sofreu nos últimos dias, violências tão severas ao ponto de Mama precisar ser internada.

- Não sei se a minha cabeça está boa [...] Saí do hospital hoje. O médico me mandou descansar, mas peguei o dinheiro de Eugene e pedi a Kevin que me levasse até o parque. Chamei um táxi e vim pra cá.

[...]

Mama olhou em volta. Manteve os olhos fixos no relógio da parede durante algum tempo, o que estava com um dos ponteiros quebrados, e então se dirigiu a mim:

- Sabe aquela mesinha onde guardamos a Bíblia da nossa casa, *nne*? Seu pai quebrou-a na minha barriga [...] Meu sangue escorreu todo por aquele chão antes mesmo de ele me levar ao St. Agnes. Meu médico disse que não pode fazer nada para salvá-lo.

[....]

- Eu estava grávida de seis semanas.

[...]

Mama chorou por muito tempo. Chorou até minha mão, que estava presa na dela, começar a adormecer [...]

Papa telefonou naquela noite, quando estávamos sentados em volta da lâmpada de querosene na varanda. Tia Ifeoma atendeu e depois veio dizer a Mama quem tinha sido.

[...]

Ela foi para o quarto de ti Ifeoma e ligou para Papa [...]

- Nós vamos amanhã. As crianças e eu [...]

- Vão para onde? – perguntou tia Ifeoma.

- Para Enugu. Vamos voltar para casa.

[...]

- Fique pelo menos alguns dias, *nwunye m*, não volte tão cedo

Mama balançou a cabeça. Não havia nenhuma expressão em seu rosto, a não ser um sorriso duro (ADICHIE, 2011, p. 262-264)

Mesmo com amparo de sua cunhada e a compreensão de seus filhos, Beatrice decidiu regressar para sua casa, todavia, no decorrer da narrativa percebemos como sua ida à Nsukka mudou suas concepções, assim como mudou as de sua filha. Mama, a partir de seu retorno, parou de aceitar ou até mesmo culpar-se pelas atitudes problemáticas do marido, e sem mais esperanças de uma liberdade longe de sofrimento físico e psicológico, envenenou seu marido dia após dia, de forma cautelosa, para que seu plano não fosse descoberto, alcançando então a sua libertação com o sucesso de sua empreitada – a morte de Eugene.

A primeira aparição de Amaka ocorreu quando sua família visitou a casa de Kambili. Aparentemente a protagonista se sentia intimidada pela personalidade forte de Amaka, constatação consolidada quando a convivência das duas se tornou assídua. Em relação à prima, Kambili descreveu-a como

[...] uma cópia da mãe, só que adolescente e mais magra. Ela andava e falava com ainda mais rapidez e propósito que tia Ifeoma. Só seus olhos eram diferentes; não tinham a ternura incondicional dos olhos de tia Ifeoma. Eram olhos interrogativos, que faziam muitas perguntas e não aceitavam muitas respostas [...] (ADICHIE, 2011, p. 86-87).

Fato comprovado ao decorrer do romance pois assim como Ifeoma, Amaka demonstrou ser uma jovem de opiniões formadas e de caráter bastante argumentativo, não se restringindo a emitir juízos apenas sobre situações banais como também relacionados à conjuntura política da Nigéria e os problemas que a universidade sofria

- Como assim, ir embora? Por que precisamos fugir do nosso próprio país? Por que não podemos consertá-lo? – perguntou Amaka  
 - Consertar o quê? Disse Obiora com um sorrisinho irônico bastante pronunciado.  
 - Então temos de fugir? Essa é a resposta, fugir? – perguntou Amaka com a voz estridente (ADICHIE, 2011, p. 244-245).

É evidente a constatação de que Kambili é reflexo de Beatrice e Amaka reflexo de Ifeoma, duas mulheres de personalidades e trajetórias diferentes, que influenciaram diretamente suas filhas, influenciando no comportamento e posicionamentos das duas adolescentes.

O relacionamento das primas se mostrou bastante conturbado com a ida de Kambili para Nsukka. Amaka demonstrou-se revoltada pela imparcialidade e pelo silêncio de sua prima, por vezes atacou-a esperando que a jovem se defendesse. Kambili demonstrava ter vontade de revidar os ataques, mas não consumou o ato por medo de sofrer repressão, fato que ocorreria se a discussão fosse em sua casa, então a adolescente se mantinha silenciosa e até mesmo assustada

- Aposto que você acha que Nsukka não é civilizada comparada com Enugu – disse ela, ainda fitando o espelho. – Falei para minha mãe que ela devia parar de forçar vocês a vir para cá.  
 - Eu... nós... nós queríamos vir. (ADICHIE, 2011, p. 127)

O confronto não ocorria apenas pelas personalidades diferentes, mas principalmente pela condição socioeconômica distintas. Enquanto Ifeoma e seus filhos viviam em uma casa simples e, devido aos confrontos cívico-políticos em que a universidade era alvo de ataques, sem pagamento salarial, Kambili tinha uma vida confortável em sua mansão, desde sua alimentação até suas vestimentas, tudo era contraste entre as duas primas.

A relação das jovens mudou apenas com o falecimento de Papa-Nnukwu, pai de Eugene e Ifeoma. Amaka demonstrou sensibilidade com a prima ao lhe entregar um embrulho com a pintura que havia feito do avô e, após essa ocasião, o convívio das

adolescentes se tornou mais cúmplice e até mesmo amoroso, Kambili passou a expor suas opiniões, o que deixou sua prima orgulhosa.

Segundo Oliveira e Pinho (2019), a protagonista não tinha consciência explícita de seus aprendizados bem como de sua realidade sociocultural e, apesar de que seus atos sejam motivados pelo contato com alguma personagem cumprindo papel de “professor”, marcando o início de uma nova fase, caso de sua relação com o avô paterno (OLIVEIRA, PINHO, 2019, p. 228). A relação de Kambili com Papa-Nnukwu transgride o que a jovem tinha como verdade, pois ao ser criada em meio aos dogmas europeus, via com maus olhos a cultura pagã de seu povo africano, ao conviver com o idoso, percebeu que a relação neta-avô excede o lugar social que ambos se encontram.

Aos poucos, Kambili também almejava ser como sua tia e prima em alguns momentos, sonhava em ter a liberdade de falar e pensar até mesmo de sorrir, em um dos trechos a adolescente sonhou em ter a gargalhada aguda das parentes, “naquela noite, sonhei que estava rindo, mas a risada não soava como minha, embora eu não soubesse bem qual era o som da minha risada. Era uma risada alta, profunda e entusiasmada, como a da tia Ifeoma” (ADICHIE 2011, p. 97).

Outra figura masculina importante para a crescimento da protagonista de nosso romance é o gentil padre Amadi, segundo Oliveira e Pinho (2019) “representando um apaziguador que tenta promover a conciliação entre as crenças. Assim como a tia Ifeoma, ele configura a possibilidade de respeito e comunhão cultura” (OLIVEIRA, PINHO, 2019, P. 230).

Depois que rezamos o pai-nosso, o Padre Amadi não disse: “Ofereçam a saudação em Cristo um ao outro”. Ele começou a cantar uma canção em igbo.  
- Ekene nke udo... ezigbo nwanne m nye m aka gi. A saudação em Cristo. Querida irmã, querido irmão, me deem suas mãos. (ADICHIE, 2011, p. 255).

Por meio do contato com as diferenças, Kambili e Jaja entraram em contato com novas possibilidades de vida, crenças e comportamento. A convivência com a família de Ifeoma os agrada e os liberta, de uma certa forma, das amarras impostas em suas casas. O contato com o novo, com um outro muito mais espontâneo, esclarecidos politicamente, traça uma nova trajetória na vida dos irmãos, principalmente em Kambili.

### **Conclusão: um silêncio diferente no final**

Com todos os resultados da Guerra Civil de Biafra a família de Ifeoma se viu na necessidade de ir embora da Nigéria para os Estados Unidos, fato que resultou no desespero de Jaja e Kambili, pois os irmãos não se imaginavam mais vivendo longe de seus familiares. Nos Estados Unidos, Ifeoma lecionou em uma Universidade e Amaka, junto de seus irmãos, frequentou uma escola americana. Apesar da distância, as primas mantiveram proximidade através de longas cartas, como relatou Kambili no último momento do romance.

Kambili, desde sua primeira ida à Nsukka, foi modificada pela atmosfera de sua prima e tia. Os questionamentos de Amaka inspiraram-na a questionar o que estava ao seu redor, bem como seus privilégios ao se deparar com realidades tão diferentes. A jovem também aprendeu a sorrir, de verdade, como suas parentes, passou a se expressar de forma confiante, além de exteriorizar mais apoio ao seu irmão e dar amparo a sua mãe pois

Amaka, junto à mãe progressista, assinala a afronta ao poder baseado na diferença de gênero em uma coletividade ainda regida pelo patriarcalismo. Mesmo ainda permanecendo em uma condição marginalizada, elas desafiam o sistema opressor: a mãe não valoriza a instituição do casamento, muito menos a resignação a um marido, e a filha não tem medo de contestar as prescrições do cristianismo com que convive, sabendo aproveitar o que a sua idade tem a oferecer sem qualquer temor, usando roupas que realçam seus atributos físicos. Sob influência de ambas, o desejo de transgressão vai crescendo em Kambili progressivamente (OLIVEIRA, PINHO, 2019, P. 230).

Pois mesmo com a personagem sentindo saudades de seu Papa e tendo o desejo de regressar para sua casa, Kambili também sentia vontade de ir embora com sua Tia Ifeoma para os Estados Unidos, ou com o Padre Amadi, e nunca mais regressar.

Após anos de opressão e inúmeros casos de violências físicas e psicológicas, Beatrice conseguiu se libertar do ciclo machista que sofria em seu relacionamento. Como mencionado, Beatrice era muito próxima de Ifeoma, personagem que lhe aconselhava a ser mais segura, dar espaço em seu casamento para que a dona de casa viesse a se recuperar dos danos físicos e psicológicos sofridos pelo companheiro.

Depois de muitas reviravoltas, ao final do romance, Beatrice chega de surpresa na casa de sua cunhada, essa ida para Nasukka é a comprovação da primeira tomada de decisão sobre seu relacionamento e dos abusos que vinha sofrendo. Logo depois a personagem regressa para a casa de seu marido, contudo, a personagem logo mostrou como sua ida a Cidade Universitária também a modificou. Algum tempo após esse

episódio Beatrice contatou seus filhos para relatar que havia matado Eugene envenenado, por não aguentar mais as situações abusivas que a família passava.

Como percebemos, a ida à Nsukka influenciou fortemente as personagens Kambili e Beatrice, bem como a convivência com Amaka e Ifeoma, por ambas serem mulheres consideradas subversivas, além de possuírem expectativas e crenças diferentes, o que resultou em um enriquecimento pessoal em ambas. É importante ressaltar, também, que se não fosse pela vivência e ideais adquiridos em Nsukka, as personagens talvez não conseguissem se desprender, cada uma a sua forma, das amarras de Eugene, figura máxima do patriarcado no romance.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco Roxo*. São Paulo: Companhia das Letras, trad. Julia Romeu, São Paulo, 2011.

DUARTE, Zuleide. *Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngzi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. In *Revista África(as)*, v. 03, n. 05, p. 129 -140, jan/jun, 2016.

OLIVEIRA, Luciana Paula de. Um passeio sobre a obra de Chimamanda Adichie. Disponível em: <http://www.cep.pr.gov.br/arquivos/file/2017/procep/paideia/ADICHIE.pdf> acessado em: 27 nov. 2018.

OLIVEIRA, PINHEIRO, Valnikson Viana de, Vanessa Rimbau. Reflexos do romance de formação em *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngzie Adichie In. *Garrafa*. Vol 17, n 49. Julho-Setembro, p. 220-231.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Sobre identidades e diferenças: as relações de alteridade em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie. *Anais do XII Encontro da Abralic: Campo Graande*. V. -, n. – out. 2012.